

obras mais poderosas e mais emo- de espaço. Tudo acontece entre te o que quase não se pode dizer

(Conclui na 4.ª página)

A Poesia é de Ordinário Tensa, Comumente (Nem Sempre) Ambigua

COM Péricles Eugênio da Silva

Ramos começamos a divulgar depoimentos de poetas e críticos paulistas a propósito da controvérsia Sérgio Buarque de Holanda-Euryalo Cannabrava sobre a natureza da linguagem poética e a possibilidade de aplicação de critérios concretos para definir e estudar o fenômeno poético.

O escritor paulista localiza o ponto capital da disputa no caso da ambiguidade da linguagem poética, essencial no modo de ver de Cannabrava, não necessária para Sérgio Buarque. "A poesia é de ordinário tensa (...), comumente oblíqua ou ambígua (...), não se segue daí que todos os textos poéticos sejam multívocos ou ambíguos". E depois de citar exemplos de poemas em que não há multivocidade, Péricles Eugênio conclui por dizer que participa da opinião de Sérgio Buarque de Holanda, embora não deixe de apreciar o ardor com que Euryalo Cannabrava defende a sua tese.

Péricles Eugênio da Silva Ramos toma posição ao lado de Sérgio Buarque, apreciando embora o ardor de Euryalo Cannabrava

Eis o depoimento do poeta paulista:

DEPOIMENTO DE PERICLES EUGÊNIO DA SILVA RAMOS

"Conheço a conferência do sr. Euryalo Cannabrava, pronunciada aqui em São Paulo há dois ou três anos e publicada pela Revista Brasileira de Poesia. Acompanhei ainda, na medida do possível, o debate entre os srs. Cannabrava e Sérgio Buarque de Holanda, bem como os pronunciamentos de críticos e poetas sobre esse debate, no DIÁRIO CARIÓCA. Se bem compreendi o ponto capital da discussão, cifra-se êle em que os textos poéticos são encarados como multívocos pelo sr. Cannabrava, enquanto o sr. Sérgio Buarque, não negando essa multivocidade, para boa parte da poesia até agora escrita, recusa-se a tomá-la como

essencial, isto é, admite a existência de poesia não multívoca, ou, noutros termos, não ambígua, não oblíqua.

O que sejam ambiguidade ou oblíquidade já foi definido exuberantemente no livro hoje clássico de William Empson, "Seven Types of Ambiguity", ou no menos famoso de Tillyard: "Poetry Direct and Oblique". Quanto à multivocidade, o sr. Cannabrava exemplifica com o verso de Dante: "O amor que move o sol e as outras estrélas", no qual o vocábulo amor não tem (ou não tem apenas) o sentido literal, mas vários outros, entre os quais será possível incluir até a lei da gravitação.

Também eu acredito que frequentemente os textos poéticos são oblíquos ou multívocos, e isso, quando por outras razões não seja em virtude daquela parcimônia

viva da poesia, já assinalada, como fixa Stanley Edgard Hyman, pelo tratadista de "Sobre o Estilo" no terceiro ou quarto século antes de Cristo. As palavras em poesia adquirem tensão, "como feras que se armam para o bote", dizia Demétrio.

Em virtude dessa tensão, sucede amiúde que ao lado do sentido explícito os poemas ou versos encerram um outro, implícito porém às vezes enigmático. Se tomarmos um epigrama como o 58, livro 4, de Marcial, "In Gallam", veremos que o sentido explícito é bem chocho; toda a graça está implícita, como que a ser deduzida das palavras:

"In tenèbris luges amissum, Gallam, maritum;

Nam plorare pudet te, putu, [Galla, virum", ou seja:

"Tu te escondes para chorar, ó [Galla, teu marido perdido;

pois tens vergonha, eu penso, de [chorar um homem".

O que não está dito, mas apenas (Conclui na 4.ª página)

artigo referente à
polêmica com
Euryalo Cannabrava